

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Zelenski 'entrou' na guerra de forma inesperada

Irã faz países reverem defesas e pedirem ajuda à Ucrânia

Entrando na terceira semana, a guerra dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã está demolindo o aparato militar da teocracia, mas a intensidade dos ataques escamoteia o fato de que a retaliação de Teerã obteve alguns sucessos notáveis e obrigou a revisão da doutrina de defesa aérea no Oriente Médio. Diversos países árabes do golfo Pérsico, agora alvo principal das ações de Teerã que usualmente seriam concentradas contra o Estado judeu, estão olhando para outra nação que teve de aprender a lidar com o desafio dos ataques maciços com drones: a Ucrânia, em guerra com a invasora russa há quatro anos. Na semana que passou, delegações ucranianas estiveram em capitais da região para conversar com autoridades de defesa.

Zelenski quer mísseis de defesa

O presidente Volodymyr Zelenski quer trocar sua tecnologia de interceptação de drones por mísseis avançados de defesa aérea. É incerto que consiga isso, mas é provável que venda aos árabes a tecnologia do Sting, um drone rudimentar com o corpo feito por impressoras 3D que, ao custo de US\$ 2.500, é usado para defesa de ponto contra os onipresentes drones russos derivados da família iraniana Shahed-136, que custam dez vezes mais.

Marinha dos EUA



Briga de mísseis marca a guerra no Oriente Médio

Mísseis utilizados como ameaças

Hoje, países como os Emirados Árabes Unidos e o Kuwait usam mísseis de US\$ 500 mil contra essas ameaças, reservando os caríssimos modelos americanos do sistema Patriot, que podem chegar a US\$ 4 milhões, contra os inúmeros mísseis balísticos de curto alcance e baixo custo, em torno de US\$ 100 mil, do Irã. Não é só dinheiro, ainda que as petromonarquias nadem nele. Há a quantidade de interceptadores à disposição e, se não há transparência alguma sobre estoques disponíveis tanto para os EUA quanto para seus aliados sob fogo, abundam relatos sobre temor de escassez.

Fragilidades defensivas expostas

Os mísseis e drones também expuseram fragilidades defensivas em vários pontos com equipamentos menos dispendiosos, mas essenciais. Os dois terminais de comunicação via satélite da Quinta Frota dos EUA no Bahrein foram destruídos por modestos Shahed-136, enquanto antenas de radar foram alvejadas no Kuwait e nos Emirados Árabes.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Licença temporária

Os EUA emitiram uma licença temporária que permite a venda de petróleo bruto e derivados de petróleo da Rússia carregados em navios até 11 de abril, de acordo com o Departamento do Tesouro. É a primeira vez que Washington suspende sanções contra a Rússia desde o início da Guerra da Ucrânia, em fevereiro de 2022.

Invasão russa

Desde março de 2022, os EUA proibiram a compra de petróleo russo por empresas americanas, mas isso era algo ínfimo. A principal restrição ao produto ocorreu no fim daquele ano, quando a União Europeia passou a coibir a importação, que respondia por cerca de 20% do que o bloco consumia.

Restrições

Houve restrições adicionais, como limites ao preço pago por barril de petróleo russo a outros mercados, mas o golpe de fato mais duro que os EUA deram em Moscou foi em outubro passado, quando Trump determinou sanções a quaisquer negócios com as duas maiores petroleiras russas, a estatal Rosneft e a privada Lukoil.

Exportação

Isso afetou a exportação da commodity, que caiu nos meses seguintes. O temor das sanções secundárias afetou empresas de transporte de petróleo e derivados e importadores diretos, como a Índia, o segundo maior destino do produto no pós-guerra depois da China, também havia feito um acordo para não mais comprar o óleo russo com Trump.

Suspensão de veto

Porém, na semana passada, os EUA suspenderam o veto por 30 dias, para evitar mais caos decorrente da guerra no Oriente Médio. A licença é emitida um dia após o Departamento de Energia dos EUA anunciar que o país liberaria 172 milhões de barris de petróleo da reserva estratégica de petróleo para conter a disparada dos preços.

Alta do petróleo

Scott Bessent, secretário do Tesouro, afirmou que a medida “de curto prazo” se aplica apenas para petróleo já em trânsito e “não proporcionará benefício financeiro significativo ao governo russo”. O anúncio ocorreu após mais um dia de forte alta nos preços do petróleo.

Por Igor Gielow (Folhapress)



Miguel Díaz-Canel alertou para o risco de invasão americana

Cuba teme ser o próximo alvo de ataque de Donald Trump

Díaz-Canel admite negociações com EUA após crise energética

“Como sabem, circularam nos últimos dias relatos sobre possíveis contatos entre Cuba e o governo dos Estados Unidos. Consideramos apropriado informar à nossa população que, de fato, ocorreram intercâmbios entre autoridades de ambos os governos.”

Com o anúncio televisionado na sexta (13), o líder de Cuba, Miguel Díaz-Canel, admitiu que o regime está falando com o governo de Donald Trump após três meses de bloqueio de petróleo, o que levou a ilha a um colapso energético.

Do lado dos EUA, as tentativas de oposição ao governo têm sido fracas. Nesta sexta, o senador democrata Tim Kaine apresentou uma proposta legislativa baseada no War Powers Act (Lei de Poderes de Guerra) para impedir que o governo Trump realize ações militares ou bloqueios navais contra Cuba sem a devida autorização do Congresso — prática que o republicano tornou comum.

Já na perspectiva de Havana, há uma crise que já dura mais de cinco anos e combina instabilidade econômica, escassez de remédios e apagões frequentes. Isso tudo em um momento em que não há nenhum aliado no horizonte que possa salvar a ilha, como ocorreu, por exemplo, quando a Venezuela recém-chavista do final dos anos de 1990 se tornou um dos principais patrocinadores do regime após o colapso da União Soviética.

Atualmente, aliados como Irã e Rússia estão preocupados com suas

próprias guerras, enquanto a China não parece interessada em comprar esta briga com a Casa Branca. Já Caracas, que acudiu em socorro há mais de 20 anos, está impedida de enviar petróleo à ilha após os EUA atacarem o país no início de janeiro.

Logo após a operação na nação sul-americana, Trump deixou suas intenções claras em uma entrevista coletiva. “Cuba é uma nação em falência, e queremos ajudar os cubanos, assim como aqueles que foram forçados a deixar o país”, afirmou.

As importações da Venezuela eram essenciais ao país, que produz menos da metade do petróleo de que necessita. No fim de janeiro, sob pressão de Washington, o México também suspendeu as remessas de combustível à ilha. Desde então, Cuba vive uma deterioração acelerada. Nas semanas seguintes, Trump passou a afirmar que um acordo com Havana seria iminente, repetindo que o regime estaria desesperado. Mas os detalhes do plano do governo americano ainda não foram esclarecidos.

Segundo o USA Today, pessoas próximas à gestão indicam que um acordo econômico poderia ser anunciado em breve, envolvendo relaxamento de restrições de viagem, além de negociações sobre portos, energia e turismo — medidas que não exigiriam aprovação do Congresso e têm o potencial de desagradar a quem espera mais do que apenas uma abertura econômica.

Por Isabella Menon e Daniela Arcanjo (Folhapress)